

O Parque de Itapuã, com 5.560 hectares, está perto de Porto Alegre e ameniza o estresse da rotina conturbada dos gaúchos

Documentação

Fonte: CB (Lugares)

Data: 3/2/2002 Pg 4-5

Class: 907

VIDA PINTADA DE VERDE

Eugenio Bortolon
Especial para o Correio

Você já imaginou como é incrível encontrar bem pertinho de uma metrópole de 1,3 milhão de habitantes um monte de bichos? Bichos como bugio-rui-vo, jaguatirica, lontra, gato-mara-cá e tantos outros. E que tal se, de quebra, a flora for excepcional, típica da Mata Atlântica, com 206 espécies de aves, 29 de mamíferos, 37 de répteis, 32 de anfíbios, 59 de peixes e 467 de plantas? E se o ar for limpo, livre de qualquer poluição? Pois é, isso parece quase impossível nesses tempos de degradação quase plena da natureza. Mas todas essas maravilhas estão no Parque Estadual de Itapuã, na cidade de Vião, a 57km de Porto Alegre.

Aberto ao público no dia 22 de abril, depois de muito trabalho e investimento para deixar o lugar bem bonito e agradável, o parque é nada menos que extraordinário. Para quem tem lá a sua veia ecológica, o passeio é do tipo reconfortante, imperdível. Por isso, se você está aí pensando em vir ao Sul, não custa incluir um dia de folga na sua agenda para ir até Itapuã. Não vai haver arrependimento.

Com 5,56 mil hectares e paisagens diferenciadas — como dunas, lagoas, banhados, morros, matos e oito praias —, o parque só pretende receber 700 visitantes por dia. Mais que isso, diz a responsável pelo local, a Secretaria Estadual do Meio Ambiente do RS (Sema), seria uma agressão ecológica. “Cada um dos ecossistemas existentes na área conta com uma diversidade grande de espécies”, conta Luiz Felipe Kunz Júnior. No parque, por exemplo, vive o pica-pau verde, típico de mata fechada, em harmonia com aves aquáticas, como garças, gaivotas e mergulhões. Há também ali vestígios de animais como o cervo-do-pantanal, veados e porcos-do-mato.

Moradores dali falam também da existência de lobo-guará, do cisne-de-pescoço-preto e da coscoroba como ex-integrantes da fauna local, além de numerosos bandos de emas — hoje só encontrados raramente em locais de difícil acesso.

Os impactos ambientais produzidos pelo homem nas últimas décadas, o desmatamento, a caça, a extração do granito rosa e a ocupação urbana desordenada criaram alguns problemas na área. Mesmo assim o Parque de Itapuã é um espanto para quem vive ali

perto, no meio do concreto e do asfalto, ou chega para visitar vindo de uma metrópole qualquer.

Junto com tantas surpresas naturais, estão também o Lago Guaíba, a Laguna dos Patos, a Lagoa Negra e a Lagoa do Palácio, entre outras menores. É muita água e muito peixe. Há, em grande número, *Characidae* (lambaris dentuços), *Pimelodidae* (pintados e jundiás) e *Cichlidae* (carás), e outras espécies, em quantidades menores. O visitante ali também pode se surpreender, de repente, com a visão de tainhas em saltos acrobáticos. Nessas mesmas áreas, somadas a inúmeros banhados e pequenos arroios que descem das encostas, estão diversas espécies de anfíbios — sapos, rãs, pererecas e cobras-cegas.

O esplendor da natureza prossegue a cada passo. É bom estar precavido para não se assustar com o surgimento, também inesperado, do jacaré-de-papo-amarelo, de cágados, do teiu, do lagarto-de-papo-amarelo, da cobra-cruzeira e da cobra-coral.

Dependendo da época, podem-se admirar as aves migratórias que por ali surgem, como o trinta-réis-boreal, o batuíruçu e o maçarico-acanelado, que encontram no lugar uma “cozinha” fértil para se alimentar.



Tudo isso, naturalmente, é para ser visto, admirado, e mais nada. Os responsáveis restringem a visita a alguns locais — praias das Pombas, da Pedreira e de Fora —, mas aos poucos os outros setores do parque serão abertos cautelosamente. É para evitar agressões, lixo e gente que gosta de transformar qualquer lugar que vá numa imensa churrascaria a céu aberto.

A infra-estrutura de atendimento aos visitantes é razoável. Banheiros, chuveiros, vestiários, restaurante, lanchonete, sanitários, estacionamentos — tudo mantido por energia vinda de um gerador eólico-diesel. O parque

tem 80 funcionários, que trabalham nas obras e prestam serviços de manutenção, limpeza e vigilância. Um grupo de moradores da região também foi contratado e treinado para conduzir visitas públicas. Dois roteiros já estão definidos: a Trilha da Onça e a Trilha do Araçá levam os visitantes às pequenas praias da região. Novas trilhas de ecoturismo devem estar à disposição do público brevemente, mas serão com caminhadas mais difíceis.

FARTURA

Considerada a última amostra dos ambientes originais da região Metropolitana de Porto Alegre, o Parque Estadual de Itapuã tem uma paisagem que já foi marinha e agora é banhada por água doce. Abrigo de fauna e flora de sucessivas eras geológicas, seus solos e camadas de sedimentos registram a evolução da paisagem ao longo dessas eras até os dias atuais.

Sua geologia apresenta frente a frente rochas de 500 milhões de anos e restingas arenosas com 400 mil anos, ainda em formação. As rochas graníticas ali existentes dominam as elevações existentes — o Morro da Grota, com 263m, Morro do Araçá, com 193m, e o

Morro do Campista, com 192m.

O Pontal das Desertas, por exemplo, é lindo. Trata-se de uma imensa planície arenosa de 16km, junto aos morros graníticos e que começou a formar-se quando ocorreu um aumento na temperatura do planeta e causou o derretimento das geleiras. Isso elevou o nível do mar fazendo com que os morros se transformassem em ilhas, tendo a Ponta de Itapuã como porta de entrada do mar no continente. Posteriormente, a temperatura voltou a baixar e o mar regrediu, deixando cordões de sedimentos como os que formam as Coxilhas das Lombas.

Este processo, chamado de transgressão marinha, repetiu-se quatro vezes, sendo a última há 5 mil anos, resultando no surgimento da atual planície sedimentar arenosa, ainda em formação. Talvez por causa disso, os morros chamam a atenção pela alternância de mata alta, os matacões rochosos, sobre os quais formam-se verdadeiros jardins suspensos. Também é admirável a paisagem de gigantescas figueiras cobertas de barba-de-pau, butiazeiros e gerivás. No meio de tanta natureza, está o Farol do Itapuã, que marca o encontro das águas do Guaíba e da Laguna dos Patos.



Neco Varella/Divulgação

HISTÓRIA

O Parque Estadual de Itapuã foi criado em 1973, mas nunca chegou a se concretizar. Passou por diversas fases e muita gente andou mandando por ali, prejudicando mais do que ajudando. A reabertura marcou uma fase de respeito ao meio ambiente. Há objetivos definidos — conservar ecossistemas, desenvolver a pesquisa científica, possibilitar a educação ambiental e a visitação pública — e nada de conchavos políticos, que permitiram no passado a instalação de pedreiras e loteamentos irregulares e clandestinos.

Itapuã é um verdadeiro santuário — não só ecológico, mas de lutas e histórias. Sítios arqueológicos indicam que os primeiros habitantes da região foram os índios tupi, guarani e umbu. Já no início do século 18, a área foi doada ao padre portu-

guês José dos Reis. Em 1770, casais açorianos fundaram a Vila Real da Senhora Santana do Morro Grande, mas abandonaram a área por considerarem o solo ruim.

O local também fez história durante a Guerra dos Farrapos (1835/1845). Tentando impedir a passagem das embarcações imperiais, vindas do Rio para combater os revolucionários, os gaúchos montaram na área verdadeiros fortes nos morros, hoje conhecidos como Morro de Itapuã e Morro da Fortaleza. Entre estes morros e a Ilha do Junco, situa-se o canal de navegação, passagem obrigatória para os barcos provenientes da Laguna dos Patos com destino ao porto da capital.

Em agosto de 1836, uma força legalista, aproveitando uma cheia do Guaíba, navegou por fora do canal e conseguiu desembarcar na enseada do Porto das Pombas, conhecido na época como Saco do

Faria. A força atacou por terra os revolucionários do Morro da Fortaleza, fazendo 32 mortos e dez prisioneiros. Para quem visita Itapuã, é ainda possível ver vestígios daquela época.

Em 1860, no Morro de Itapuã, frente ao encontro das águas do Guaíba e da Laguna dos Patos, foi construído o Farol de Itapuã. Também na metade do século 19, a enseada das Pombas transformou-se no Porto da Estância, local onde a produção de toda a região de Vião era escoada.

Como se vê, quem vai até Itapuã vai viver ecologia, curtir história e sentir o prazer de estar no meio da mais pura natureza. Mas é bom ir com espírito totalmente desarmado: não leve coisas que possam gerar lixo, não fume, não beba e não grite. Os bichos estão na sua casa e não gostam de ser importunados e nem de se estressar com os visitantes.

SERVIÇO

VISITAS

De quartas a domingos, das 9h às 18h.

PREÇO

R\$ 2,74 por pessoa (é isso mesmo, bem quebradinho), com direito a visitar uma das praias. Crianças com até 10 anos não pagam. Há possibilidade de se passar o final de semana no local, marcando com antecedência.

INFORMAÇÕES

(51) 494-8083 e (51) 3288-8100.

E-MAIL

duc.defap@sema.rs.gov.br

AO LADO, A PRAIA DE FORA, COM VISTA PARA LAGOA NEGRA, À ESQUERDA. ABAIXO, O FAROL DE ITAPUÃ. ANIMAIS TÍPICOS DA MATA ATLÂNTICA, COMO O MACACO BUGIO (FOTO), VIVEM SEM SER AMEAÇADOS PELOS HOMENS. PARA MANTER O EQUILÍBRIO AMBIENTAL, APENAS 700 PESSOAS PODEM ENTRAR NO PARQUE DIARIAMENTE

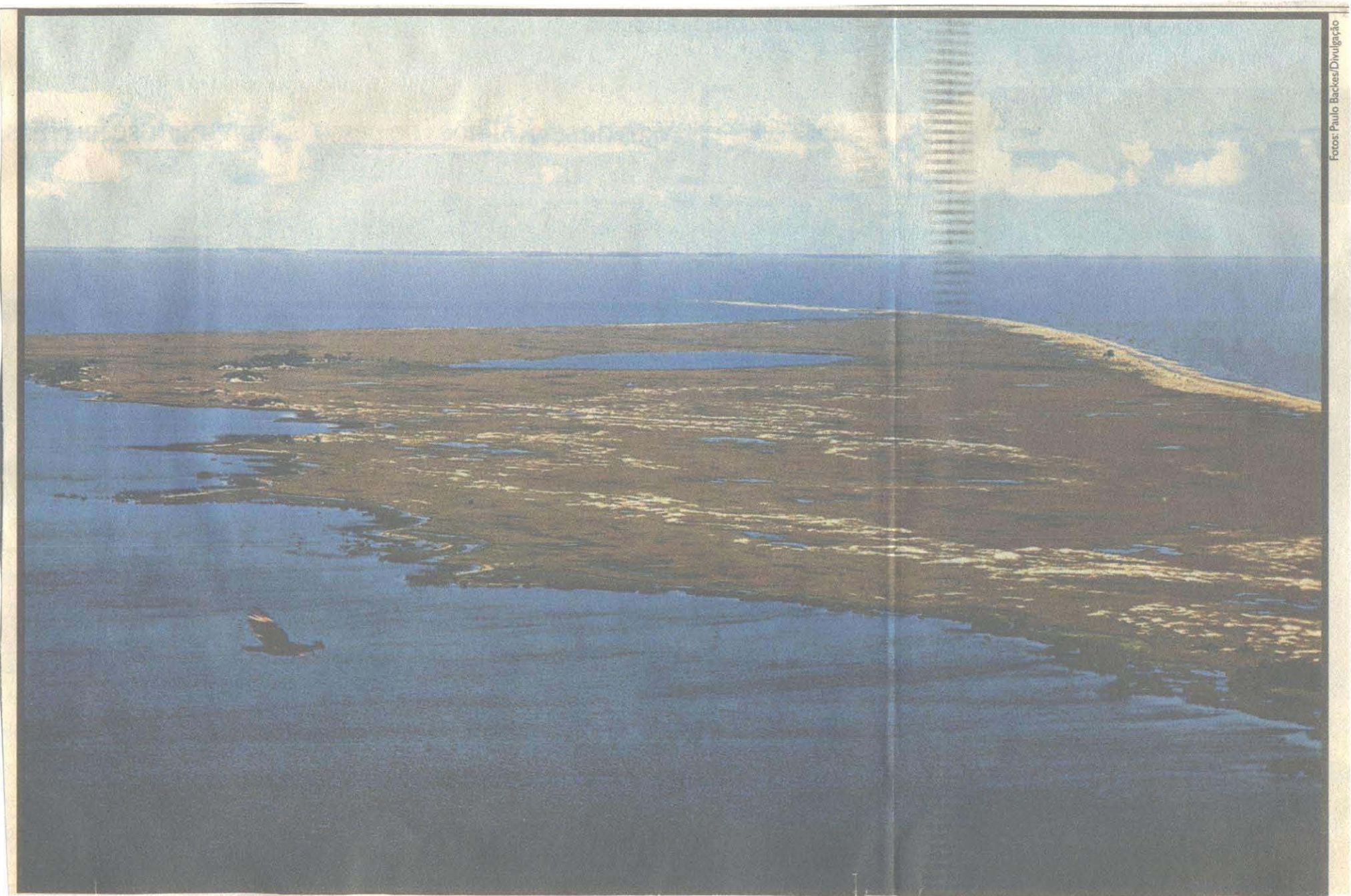
INSTITUTO

Documentação

Fonte: C.B. Augusto

Data: 3/7/2002 Pg. 4-5

Class: 902



Fotos: Paulo Backes/Divulgação

Acervo
ISA

Documentação

Fonte: ISA (Instituto)

Data: 27/10/02 Pg. 4-5

Class.: 907